

Le Musée

Ano 2 - Nº 2

Revista do Museu dos Capuchinhos



MusCap
promove a
cultura da
preservação

SUMÁRIO



5 MEMÓRIA

Ações de capuchinhos disseminando a cultura da preservação



12 DIALOGARTE

Memória oral é tema de palestra com Sônia Storchi Fries

14 FOTOGRAFIA

João Mendes Neto ensina a proteger imagens da ação nociva do ambiente

22 EXPOSIÇÃO

'Peregrinos e Forasteiros' conta a história de freis por meio de seus pertences

18 ARTE ANÔNIMA

Projeto permite reunir e compartilhar saberes sobre o acervo



Le Musée

Revista do Museu dos Capuchinhos
da Província do Rio Grande do Sul

Editor

Moacir P. Molon - MTb 3781

Jornalista Responsável

Alessandra Rech - MTb 9153

Supervisão e colaboração

Frei Celso Bordignon, Mirella Honorato e Susiele A. Ramos

Fotos

Acervo Museu dos Capuchinhos, João Carlos Romanini,
Márcia Dall'Ago, Moacir P. Molon e Divulgação

Diagramação

Marli Superti

Impressão e Acabamento

Editores São Miguel

Tiragem

2.000 exemplares

Foto de capa:

Moldura em madeira e metal confeccionada em 1910
por frei Efreim de Bellevaux. Francês, chegou ao
Rio Grande do Sul em 1902, faleceu em 1945

*É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo
sem autorização prévia dos editores.*



MUSCAP
CAPUCHINHOS
RS

Museu dos Capuchinhos

Diretor

Frei Celso Bordignon

Coordenação

Mirella de Jesus Honorato
(Museóloga - COREM 3R - 0201-I)

Rua General Mallet, 33A - Bairro Rio Branco

95097-000 Caxias do Sul - RS

Telefone: (54) 3220.9565

www.capuchinhos.org.br/muscap

coordenacao@muscap.com.br

facebook.com/museucapuchinhos



FRANCISCANOS
CAPUCHINHOS
RS

Ministro Provincial

Frei Cleonir Paulo Dalbosco

Conselheiros Provinciais

Freis Nilmar Carlos Gatto (Vigário Provincial), Eudes
Angelo Capellari, Miguel Debiasi e Luiz Sebastião Turra

Av. Alexandre Rizzo 534 C - Bairro Desvio Rizzo

(54) 3220.3270

95110-000 - Caxias do Sul - RS

ofmcaps@scap.org.br

www.capuchinhosrs.org.br



26 ENTREVISTA

Paisagens culturais,
na visão de vanguarda
de Carlos Delphim



30 EDUCAÇÃO

Instituto Bruno Segalla busca
apoio para continuidade de projeto

32 ATELIER SÃO LUCAS

Conheça os serviços prestados
em área anexa ao MusCap

34 COMUNIDADE

Conheça as exposições selecionadas no
primeiro edital #Ocupa MusCap

Restauros e paisagens culturais

Com alegria, apresentamos o nº 2 de *Le Musée*. Entre as matérias desta edição, uma trata da conservação e do restauro. Nesse segmento da atuação museológica são exigidas constantes ações estruturantes com o objetivo de garantir a memória e valorizar a trajetória, a produção e a difusão cultural da instituição e das pessoas que lhe dão a razão de existir, no caso, os Capuchinhos do Rio Grande do Sul e suas entidades.

Orientações e treinamento sobre conservação de acervos museológicos são sempre bem-vindos, mas a escassez de pessoas especializadas e, quase sempre, de recursos materiais, é uma realidade. O MusCap atua na conservação preventiva, mas há casos que exigem restauração profunda. Nesses, o Muscap tem a assessoria da microempresa autônoma Atelier São Lucas, e dos conhe-

cimentos de frei Celso Bordignon, seu titular. As ações do Atelier atendem todo tipo de necessidade do mercado (cursos de pintura, oficinas, restauros de arte sacra etc) e também as demandas do MusCap.

A cada ano que passa, o MusCap, através do conjunto de suas ações, contribui na difusão das memórias individuais e coletivas, por meio dos acervos nele salvaguardados por delegação da sua entidade mantenedora.

Recomendamos, também, neste número de *Le Musée*, a leitura atenta da entrevista com Carlos Delphim. "Nos jardins da memória" abre para o entendimento de vanguarda do que são os microcosmos denominados "paisagens culturais". Tombar paisagens pressupõe considerar o conjunto de elementos naturais e a ação humana sustentável, diz ele. Boa leitura.



DESCUBRA A CANTINA DOS FRADES.
VINHO ▸ CAFÉ ▸ EMPÓRIO ▸ PRESENTES



CANTINA
DOS FRADES

R. GENERAL SAMPAIO, 161B - B. RIO BRANCO
CAXIAS DO SUL - FONE: (54) 3226.1008



INICIATIVAS
Tela em restauração
no MusCap,
Capuchinhos do RS

Difusão cultural multiplica ações

Em 16 anos de atuação, o Museu dos Capuchinhos de Gaxias do Sul (RS) soma conquistas referentes à preservação da memória, com projetos que se destacam em âmbito estadual. É o caso de Uma Assinatura para a Arte Anônima (páginas 18 a 21), que abrange pesquisa e catalogação a respeito de material sacro oriundo de diversos municípios do Rio Grande do Sul. Outro exemplo em termos de conservação e restauro é o projeto Salve um Livro, que recuperou títulos raros do acervo do museu, alguns datados do século XVII, com apoio de patrocinadores voluntários na primeira edição e de Lei de Incentivo à Cultura municipal, na segunda edição.

Em 2016, além das ações tradicionais voltadas à comunidade, como os encontros do Dialogarte (páginas 12 e 13), a exposição Peregrinos e Forasteiros (páginas 22 a 25) e a continuidade das ações técnicas de salvaguarda

do acervo, o MusCap dedicou-se a iniciativas que disseminam a cultura da preservação. A ideia é atuar, também, na difusão de saberes para a multiplicação de ações, em um contexto ainda carente de iniciativas.

Em sua experiência à frente do MusCap, frei Celso Bordignon, doutor em Arqueologia pelo Pontifício Instituto de Arqueologia Cristã, em Roma, teve notícia da perda de parte significativa da memória cultural com a depredação, demolição ou reforma sem preparo técnico de dezenas de igrejas e capelas pelo interior do Estado. Talvez derive dessa noção do apagamento da memória imposto ao patrimônio, tanto arquitetônico, quanto de arte sacra, muitas vezes por falta de conhecimento, a série de ações concretas que o MusCap vem protagonizando, algumas em parceria com outras províncias. Os leitores conferir nas próximas páginas parte dessas ações.

A cartilha

A cartilha Patrimônio e Bens Culturais dos Capuchinhos do Brasil foi criada por uma comissão encarregada de trabalhar as questões referentes aos bens culturais e patrimoniais na gestão do frei Liomar Pereira da Silva. A Comissão para os Bens Culturais Patrimoniais do Capuchinhos do Brasil é coordenada por frei Celso Bordinon (Província do Rio Grande do Sul). Integram também a Comissão: frei Ulisses Bandeira (Província da Bahia e Sergipe), frei Caetano de Jesus (Província de São Paulo), frei José Gomes de Souza Junior (Província de São Paulo), frei Rubens Moraes Gomes (Província do Brasil Central) e José Lazaro Oliveira Nunes (Província do Maranhão, Pará e Amapá).

O conteúdo da cartilha cumpre o papel de informar o que é patrimônio e como preservá-lo. "Patrimônio e Bem é tudo aquilo que nos pertence. É a nossa herança do passado e o que construímos hoje. É obrigação de todos nós preservar, transmitir e deixar todo esse legado às gerações vindouras", destaca frei Liomar.

Na cartilha, constam normas e diretrizes sobre a preservação e conservação dos acervos materiais ou imateriais. A publicação esclarece temas como: O que é Patrimônio?; Instâncias de Preservação do Patrimônio Cultural; Diretrizes regulatórias para a preservação do Patrimônio Sacro; Os Bens Culturais da Ordem; Por que preservar?; Quem são os responsáveis dentro da Fraternidade?; Implantação de Arquivos, Bibliotecas, Museus, Memoriais e Centros Culturais.

O conteúdo é ilustrado com imagens de conventos, seminários, igrejas e acervos capuchinhos. Os exemplares foram entregues a todos os freis em março, por meio dos guardiães.



ENCONTRO
Comissão de Bens Culturais e Patrimoniais visita exposição no MusCap, em Caxias, e participa de minicurso sobre conservação de acervos têxteis





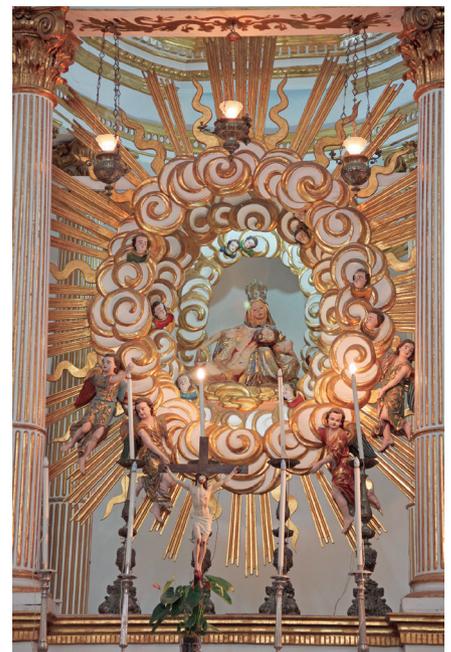
PROGRAMAÇÃO
Visita guiada ao complexo de edificações dos capuchinhos no bairro Rio Branco, em Caxias do Sul, reuniu visitantes e equipe do MusCap

Encontro da Comissão para os Bens Culturais e Patrimoniais

O Museu dos Capuchinhos (MusCap) de Caxias do Sul foi sede para o encontro de avaliação e formação da Comissão de Bens Patrimoniais e Culturais dos Capuchinhos, de 18 a 21 de maio. O presidente da Conferência dos Capuchinhos do Brasil (CCB) e provincial da Província da Bahia e Sergipe, frei Liomar da Silva, os frades Celso Bordignon (Província do Rio Grande do Sul), Ulisses Bandeira (Província da Bahia e Sergipe), Caetano de Jesus (Província de São Paulo), José Gomes de Souza Junior (Província de São Paulo) e José Lázaro Oliveira Nunes (Província do Maranhão, Pará e Amapá) promoveram o encontro a fim de disseminar a construção da mentalidade nas circunscrições e, sobretudo, nos frades, sobre a importância em reconhecer e preservar o acervo histórico para a posteridade.

Frei Celso Bordignon, que recebeu o grupo, se propôs a prestar serviço de assessoria para aquelas Províncias e Custódias que desejam iniciar o trabalho de preservação da sua Memória Histórica. Ele afirma que a Cartilha sobre Bens Culturais e Patrimoniais, distribuída no ano passado a cada frade para ser estudada individualmente e em fraternidade, torna-se um instrumento facilitador, uma vez que seu conteúdo apresenta noções básicas sobre patrimônio, orientações sobre preservação, normas e diretrizes, como iniciar ou implantar um museu, memorial e arquivo.

Na programação, visita guiada *O complexo das edificações Capuchinhas no bairro Rio Branco: Um passeio pela paisagem cultural*, ministrada por Márcio Zanella (arquiteto), Vivian Schiavenin (arquiteta) e Fernando Pozzer (restaurador); e o Minicurso de Conservação de Acervos Têxteis, com a restauradora Juliane Petry Panozzo Cescon.



HISTÓRIA
Patrimônio dos capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade, Salvador, Bahia

Encontro Formativo de Pós-Noviços

A Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul e equipe do Museu dos Capuchinhos realizou o Encontro Formativo dos Frades Pós-Noviços, de 27 a 29 de maio de 2016, em Caxias do Sul, nas dependências do MusCap. A programação fez parte da atividade formativa inserida na celebração dos 120 Anos de Presença Capuchinha no Rio Grande do Sul.

No encontro, foram desenvolvidos vários temas referentes à preservação da história e da memória, tendo como ponto de partida a Cartilha de Educação Patrimonial. Conteúdos práticos e teóricos fizeram parte, com assessoria do Frei Celso Bordignon e da equipe do MusCap.

Os pós-noviços puderam conhecer os acervos de arte sacra e de equipamentos do Correio Riograndense, jornal fundado em 1909, e adquirido pelos capuchinhos em 1917. A visita contemplou, ainda, o arquivo de documentos e fotografias e os espaços onde são realizadas as ações de conservação e restauro desenvolvidas no MusCap, com explicações técnicas específicas. O cuidado com as fotografias guardadas no museu e o trabalho desenvolvido com os livros restaurados ou em processo de conservação chamaram a atenção dos pós-noviços, quanto à necessidade de investir na preservação da memória histórica.

No primeiro ano de Teologia, o frei Rafael de Lima, que atua em Canoas, destacou os diversos aprendizados resultantes do encontro, em especial, uma melhor noção sobre o que se deve preservar e de que forma. “Importante entender que cada um dos freis que passam por essa formação podem exercer o papel de ‘olhos’ so-



APRENDIZADOS

A ‘cultura do cuidado’ esteve na essência da programação frequentada pelo grupo de Pós-Noviços

bre os bens patrimoniais na casa onde vivem”, afirmou.

O frei haitiano Jean Daniel François, há dois anos e meio no Brasil e residente em Caxias do Sul, no bairro Santa Fé, avaliou como de extrema importância a preservação da história dos freis por meio de seu legado, sejam fotografias, documentos ou objetos, como os que fazem parte da coleção Sala das Malas, e que resultaram na exposição Peregrinos e Forasteiros, incluída na visita do grupo. Estudante de Filosofia na Universidade de Caxias do Sul (UCS), o frei Jean já pensa em se dedicar à museologia no futuro.

Natural do Paraná, o frei Vandrigo Zacchi residiu em Caxias, quando teve

contato com o MusCap, tornando-se um voluntário nas ações do museu. No encontro de pós-noviços, apontou como relevante a distinção entre patrimônio universal, cultural, natural, entre outros conceitos apresentados, “fugindo um pouco do senso comum”. Destacou, ainda, a sensibilidade e a pertinência demonstradas pelos organizadores da exposição Peregrinos e Forasteiros, “um excelente trabalho sobre memória e identidade”.

Para o frei Vandrigo, a geração dos pós-noviços entendeu melhor a partir do encontro a sua responsabilidade na continuidade da “cultura da preservação, que é a cultura do cuidado não só com o material, mas com o legado como um todo”.

MUSEUS DA ORDEM NO BRASIL

Maior acesso aos bens culturais

Em 13 de novembro de 2008 teve lugar na Sala dos Tratados do Vaticano a assinatura do Acordo Brasil-Santa Sé, por parte do Ministro de Relações Exteriores do Brasil e do Secretário pelas Relações com os Estados da Santa Sé. O Acordo foi um evento histórico para o Brasil que possibilitou a elaboração de uma definitiva sistematização jurídica da presença da Igreja Católica no país em termos modernos de autonomia, de cooperação e de respectivas responsabilidades. O tratado compreende 20 artigos, entre eles o sexto e o sétimo são concernentes aos Bens Culturais da Igreja:

“As partes concordam que o patrimônio histórico, artístico e cultural da Igreja Católica, assim como os documentos custodiados nos seus arquivos e bibliotecas, constituem parte relevante do patrimônio cultural brasileiro, e

continuarão a cooperar para salvaguardar, valorizar e promover a fruição dos bens, móveis e imóveis, de propriedade da Igreja Católica ou de outras pessoas jurídicas eclesiais, que sejam considerados pelo Brasil como parte de seu patrimônio cultural e artístico. A Igreja Católica, ciente do valor do seu patrimônio cultural, compromete-se a facilitar o acesso a ele para todos os que o queiram conhecer e estudar, salvaguardadas as suas finalidades religiosas e as exigências de sua proteção e da tutela dos arquivos.”

O acordo reforça a responsabilidade, já presente, a seu modo, em cada Província ou Custódia da Ordem dos Capuchinhos no Brasil. Conheça dois dos Estados já mobilizados para maior proteção, conhecimento e acesso aos bens culturais dos capuchinhos:

“A Igreja foi sempre promotora da cultura, valorizadora das artes, mecenas ilustre e histórico. Não por acaso a maioria das obras de arte nasceu nas igrejas, ou entre os muros de mosteiros e de conventos.” (Dom Lorenzo Baldisseri).



**INFORMAÇÃO RELEVANTE OU MÚSICA BOA.
SEJA QUAL FOR A TUA PREFERÊNCIA.
UMA COISA É CERTA:
NÓS SOMOS A TUA RÁDIO.**

RedeSul
DE RÁDIO
www.qualeatua.com.br



PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

MARANHÃO

A Ordem dos Frades Capuchinhos do Maranhão, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Museu de Arte Sacra do Maranhão inaugurou em São Luís o Museu dos Capuchinhos da Província de Nossa Senhora da Carmo. O Museu funciona dentro do Convento do Carmo, tem como objetivo sensibilizar e alertar a Província dos Frades sobre a questão da preservação do patrimônio e sua importância para as futuras gerações.

Um vasto material faz parte do acervo, como fotografias, objetos da vida cotidiana, livros antigos, pinturas feitas por frades, discos, móveis, filmes, vídeos, documentos históricos, roupas utilizadas para celebração das missas, objetos litúrgicos e imagens sacras.

Os primeiros frades carmelitas chegaram ao Maranhão no período da expulsão dos franceses em 1615 e receberam do comandante Alexandre de Moura todo o terreno que atualmente compreende a Rua do Egito e o bairro ao redor, nas proximidades de onde se encontra atualmente a Igreja de Nossa Senhora da Anunciação e Remédios. A edificação do Convento do Carmo teve início em 1627. Lá os frades carmelitas instituíram um centro para estudos religiosos. A Igreja do Carmo foi palco de importantes acontecimentos na



história do Maranhão. Um deles foi a invasão holandesa, em 1641. O Convento do Carmo foi utilizado como fortificação para abrigar não apenas mulheres e crianças, mas também ali foram colocadas peças de artilharia pesada que sofreram muitos ataques dos inimigos, danificando a fachada da Igreja e parte dos dormitórios do Convento. A Missão Capuchinha só iria obter a posse legal do Carmo após comprar o convento, posto para venda em arrematação pública no ano de 1911. No dia 4 de agosto de 1999, o Frei John Corriveau, então Ministro Geral, proclamava a criação da mais nova Província Capuchinha do Brasil, a Província de Nossa Senhora do Carmo, congregando os frades do Maranhão, Pará e Amapá.

ACERVO
Província de Nossa Senhora da Carmo, em São Luís do Maranhão

BAHIA-SERGIPE

O Centro Cultural dos Capuchinhos engloba três áreas: arquivo histórico, biblioteca e museu, este dedicado a Frei Germano Citeroni, responsável por sua fundação com o objetivo de registrar o trabalho missionário dos frades, cuja história se inicia na Bahia em 1670. O acervo acumula mais de três mil peças, das quais aproximadamente mil estão expostas. Há objetos de relíquias, peças sacras e artefatos indígenas.

A Igreja Nossa Senhora da Piedade foi demolida em 1809 e reconstruída com influências neoclássicas, que hoje se mis-

turam às bases barrocas. Além da composição de mármore e madeira do Altar Central, aparece a rosácea, que é um símbolo místico eclesiástico de inspiração neoclássica, assim como as colunas da igreja. Em agosto de 2016, a Igreja Nossa Senhora da Piedade foi transformada em santuário, em virtude dos 310 anos da instituição deste templo.

De acordo com o provincial dos frades Capuchinhos, frei Liomar Pereira da Silva, os serviços prestados pela ordem ao longo desse período motivaram o reconhecimento.



SÃO JOSÉ
Escultura barroca, acervo Centro Cultural dos Capuchinhos da Bahia, em Salvador



HISTÓRIA
Pedra fundamental do Hospício Nossa Senhora da Piedade, primeira residência missionária dos capuchinhos da Bahia e do Brasil (1688)



50 ANOS

Impressa nos tons do cobre que faziam as matrizes de impressão de tipografia em 1952, a história da Editora São Miguel nasceu reproduzindo a cultura e a religiosidade de sua época.

Na nossa história, as mais inovadoras tecnologias foram incorporadas ao processo diário de colocar a cor, o acabamento detalhado no papel.

Hoje, com uma história que completa 65 anos, há muito o preto deixou de ser o limite. Nosso papel é emprestar vida à sua imaginação e colocar ao seu alcance

todas as cores do mundo.


Editora
São Miguel
Centro de Soluções Gráficas

www.editorasaomiguel.com.br | (54) 3220.3232



RODA DE CONVERSA

Frei Celso Bordignon apresenta a historiadora Sônia Mary Storchi Fries que, a convite do MusCap, falou sobre a importância da memória oral e as formas de captação e registro dos testemunhos

Vozes à história

“A memória dá voz para a história, é a alma da história”. Reflexões como esta, que pressupõem a humanização do fazer histórico, se destacaram entre os apontamentos de Sônia Mary Storchi Fries, palestrante do Dialogarte no dia 29 de junho, no Museu dos Capuchinhos. Historiadora, bacharel em Filosofia e especialista em História da América Latina, desde 1990 atua no setor de História Oral do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. A convite do museu, apresentou o painel História Oral: memória, história e oralidade. Contou fatos marcantes da sua trajetória como pesquisadora e procurando destacar a importância desse tipo de registro para a abrangência da História.

“Na sua origem, história significa ‘ver’, ‘investigar’. Aquele que vê é a testemunha ocular da história. Até que os historiadores se distanciaram de quem fazia a história. A memória foi perdendo a credibilidade no meio”, diz.

Segundo Sônia, os relatos dos excluídos do processo histórico começam a ser ouvidos, principalmente, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, ou seja, há um processo tardio de reconhecimento das múltiplas narrativas como componentes do mosaico histórico. Era preciso registrar as memórias dos refugiados dos campos de concentração, de soldados... O surgimento do rádio e, posteriormente, da televisão, favorecem o registro da voz e da imagem, que passam a ser suporte científico. Nos anos 1960, 1970, as biografias dos empreendedores que deram certo também se destacam, principalmente na Europa.

Desenvolvem-se, então, métodos para a melhor captação dessas narrativas. A especialista pontua a diferença entre ‘transcrição’ e ‘transcrição’. Enquanto a primeira forma é a utilizada pelos historiadores como documento (a partir de um registro oral), a transcrição é o processo de livre adaptação do relato, muito comum na construção de biografias “romanceadas”. Um meio termo entre essas duas possibilidades é a ‘textualização’, comum quando se pretende



HISTORIADORA

Sônia defende a pluralidade de vozes

dar um mínimo tratamento ao trecho extraído de um registro oral. É o caso do aproveitamento dessas narrativas pela mídia, ou mesmo quando as falas aparecem em pequenos destaques nas exposições de museus. A textualização “limpa”, por exemplo, redundâncias excessivas, corrige a gramática, sem perder o tom coloquial e com o cuidado de jamais distorcer o registro.

Ainda a respeito da técnica, ela destaca a importância de se ter uma ficha com dados precisos, junto com o material de áudio. Nome, profissão, tema da entrevista, data e local onde foram coletadas as informações devem constar, além do tipo de entrevista realizada. Há possibilidade de coletar informações em grupos - o que é feito, por exemplo, quando o Acervo Histórico resgata memórias de uma determinada comunidade. Coletivamente, as lembranças vão se somando. Aliás, o termo lembrança também tem sua particularidade: “lembrar é o ato de reconstruir um tempo passado de acordo com a compreensão de hoje”, ressalta Sônia, a respeito dessa dinâmica temporal atrelada à memória oral.

Ao longo de suas pesquisas, esteve sensível, também, ao que se pode conceituar como “memória emprestada”. No caso da Serra gaúcha, onde concentra seu trabalho, essa memória emprestada pode ser exemplificada pela ideia que fazemos sobre a epopeia da imigração. A memória coletiva passa os primeiros tempos dos italianos na região. É como se as dificuldades de

uns fossem as de todos, tecendo uma história coletiva que impacta até o presente.

“Há pesquisadores que desdenham do sentido de epopeia, mas os relatos que eu ouvi me deram a convicção de que foram, sim, tempos muito difíceis - há muitas perdas implicadas na travessia marítima: despedidas definitivas, exílio, fome, doenças, mortes. A história nos permite, de alguma forma, nos colocarmos no lugar do outro - e isso vale para ressignificar uma atitude mais resistente aos novos imigrantes. Saber das dificuldades enfrentadas na fundação das nossas cidades nos faz ser mais humanos com os que enfrentam agora a dor desse exílio”.

Sônia se refere a haitianos e senegaleses. Em meia década, uma população estimada em 15 mil pessoas se deslocou do Caribe e da África para a Serra gaúcha, num dos maiores fluxos de imigração contemporânea do país. Com o Brasil em alta no cenário internacional e prestes a sediar a Copa do Mundo, eles buscavam oportunidades.

A Serra, polo industrial e de serviços, foi o principal destino. A oferta de empregos era tamanha que faltava mão de obra. Porém, o cenário virou rapidamente com a crise econômica e política, intensificada a partir de 2014. Milhares de postos de trabalho foram fechados. Além do desemprego, eles enfrentam o racismo, a falta de domínio do português, dificuldades em trazer os familiares e resistências as suas culturas e crenças.

PARTICIPE

O Dialogarte, como o próprio nome sugere, é um momento para dialogar sobre arte. Abrange educadores, teóricos, especialistas e artistas. Os encontros são temáticos: o diálogo se dá no formato de conversa, entre o público e convidado. A realização segue a agenda anual do MusCap.

BANCO DE MEMÓRIA

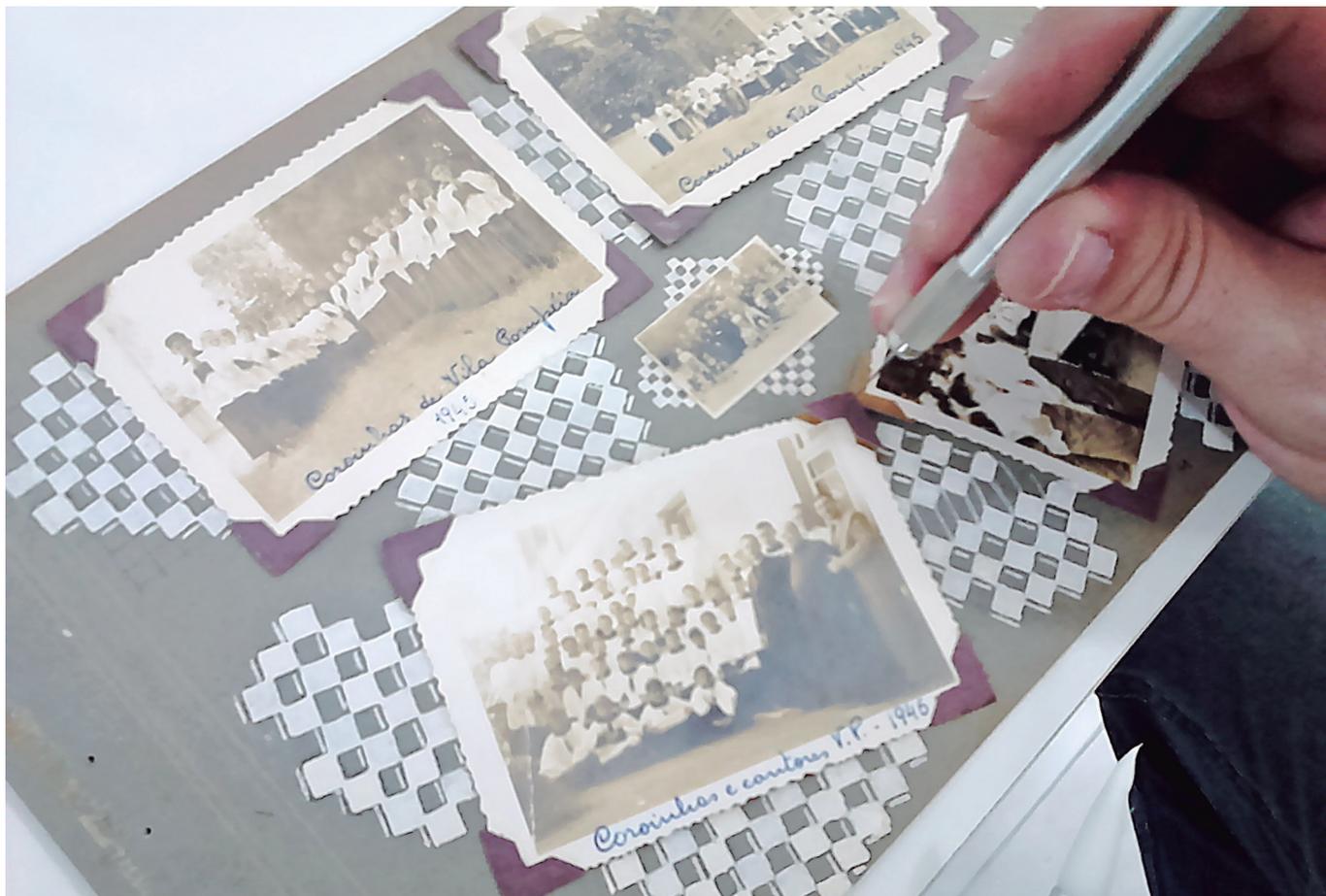
O Acervo Histórico Municipal de Caxias está à disposição dos pesquisadores. Seu Banco de Memória reúne a gravação e transcrição de mais de 600 depoimentos orais. Na voz e na expressão do depoente, desfilam fatos econômicos, sociais, políticos, culturais e as vivências cotidianas. Iniciado há 20 anos, é constantemente alimentado por novas gravações, cujo roteiro observa normas historiográficas consagradas.

Na base de dados disponível no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami pode ser realizada a consulta na íntegra, facilitada pela indexação temática.

O atendimento ao público ocorre de segunda a sexta-feira, das 10h às 16h, na Avenida Júlio de Castilhos, nº 318, no Bairro Nossa Senhora de Lourdes.

Fone: (54) 3901.1318 e 3218.6114.
E-mail arquivohistorico@caxias.rs.gov.br





Retratos do tempo

A fotografia é mais do que um registro, é um bem precioso e, mesmo quando aparentemente ligada a um universo particular, oferece informações históricas - seu contexto, seus detalhes ajudam a entender o momento em que se insere. “A máquina fotográfica é um espelho dotado de memória, ainda que incapaz de pensar”, afirmou o fotógrafo americano Arnold Newman (1918-2006).

Cuidar da história presente em cada fotografia exige técnica

Historiador, formado pela Universidade de São Paulo, com especialização em Fotografia pelo Centro Universitário Senac, São Paulo, João Mendes Neto foi responsável pela organização do acervo histórico de fotografias da Fundação Telefônica, como coordenador do programa de Arte & Tecnologia. Coordenou a realização de exposições no Museu Nacional de Brasília, Pinacoteca do Estado de SP, além de livros de Fotografia e Arte. Expôs seu trabalho pessoal como fotógrafo no Conjunto Cultural da Caixa e na SW1 Gallery of London. Foi superintendente do Museu da Imagem e do Som SP.

Atualmente, João reside em Canela, tornando-se um importante suporte na área de restauro fotográfico para os museus da região. Para o MusCap, João fez, este ano, o diagnóstico detalhado do estado de conservação, com proposta de intervenção, de 106 álbuns. Participa do projeto que está em fase de aprovação pela LIC Municipal para restauração e digitalização dessa coleção de álbuns fotográficos do museu em 2017. Especialmente para os leitores da revista do MusCap, João ajudou a desenvolver este passo-a-passo, com as principais dicas para o cuidado com as imagens.

1 - IDENTIFICAR O PROBLEMA

Antes de qualquer atitude, os principais fatores de deterioração presentes na fotografia precisam ser reconhecidos. Os envelopes se apresentam amarelados? Úmidos? Secos? Há manchas cinzentas com aspecto de fungo? Os invólucros são adequados ou de baixa qualidade?

João explica que umidade alta está associada a fungos. Também ocorrem traças, cupins e brocas, insetos que se alimentam do papel, que costuma ser muito atraente, principalmente quando tratado com gelatina, o que ocorria antigamente.

A maioria dos envelopes que costumam acompanhar as fotos são comuns (a acidez desse material reage com o sal de prata da revelação fotográfica, fazendo grandes estragos). Para suspender o dano é necessário investir em envelopes neutros ou alcalinos, de qualidade museológica, encontrados nas boas papelarias.

Para verificar, há canetas próprias para teste de Ph, que indicam, com um pequeno risco no verso, se é possível manter o envelope ou necessário descartá-lo.

2 - SEPARAR POR PROCESSO

A fotografia tem uma história marcada por grandes mudanças técnicas. Foram empregados diferentes processos, como a gravação direta em metal (daguerrotipo, ferrótipo) ou em vidro (processo do colódio úmido - resultando nos ambrótipos, ou negativos de vidro e - mais recentemente, os filmes fotográficos (negativos) e os cromos (slides). Cada um desses materiais irá necessitar de cuidados específicos.

3 - HIGIENIZAR

Com um pincel de cerdas macias, a higienização deve ser feita em todo o material, retirando pó e excrementos de insetos que possam estar atacando as imagens.



DIGITALIZAÇÃO

João Mendes Neto orienta sobre a importância de garantir cópias em diversos suportes para preservar a história frente aos agentes nocivos do tempo

4 - ESTABILIZAR

A umidade relativa do ar é um fator determinante da melhor ou pior conservação de um acervo fotográfico. O ideal é que varie entre 30% e 35%. Até 50% é aceitável, mas nunca deverá exceder os 60%, o que facilita muito a proliferação de fungos, principalmente quando o material fotográfico possui uma camada de gelatina - tornando-se um perfeito caldo de cultura para micro-organismos. O ideal é contar com desumidificadores e climatizadores.

A temperatura ideal fica entre 15 graus centígrados e 25 graus centígrados. Essa condição, no entanto, precisa ser permanente. Interrupções do fornecimento de energia, gerando oscilações bruscas de temperatura, agravam o problema. Mudanças repentinas de mais de quatro graus provocam a dilatação e a contração das fibras, podendo esfurelar o material.

Dentro do museu, o ideal é procurar um ambiente onde a temperatura seja mais estável para armazenar as fotografias. A sala não deve receber sol diretamente, por exemplo, nem estar num local muito úmido.

Deve-se estar atento para a higiene do local, evitando

rigorosamente fazer refeições no mesmo ambiente, para que os resíduos de alimentos não contaminem o material. Evite manusear demais as fotos, mantendo sempre as mãos limpas e utilizando luvas.

Da mesma forma, poluição ambiental e proximidade com resíduos químicos manipulados no prédio precisam ser evitadas.

A luz é outro fator de deterioração a evitar, mantendo o material protegido. "Os quadros expostos, portanto, devem ser cópias do original. Este fica guardado em local controlado e protegido da claridade", exemplifica.

6 - TRATAR

Em caso de rasgos, o reparo sempre deve ser pelo verso. Regiões carcomidas, atacadas por fungos ou amareladas necessitam da intervenção de um especialista. A recomendação é contratar profissionais preparados para a atividade nessa etapa, que requer intervenções químicas, muitas vezes, considerando as condições específicas de cada material a ser tratado.

OUTROS CUIDADOS

Memória digital

As câmeras digitais e as fotografias instantâneas dos iPhones tomaram rapidamente o lugar do processo de revelação fotográfica, presente há 20 anos. A memória de lá para cá sofre abalos, uma vez que essas imagens não têm negativo (uma cópia de segurança que já fazia parte do processo). Muito do que é produzido hoje se perde com os equipamentos, que têm baixa durabilidade. A recomendação é sempre ter cópias em locais diferentes. É importante ter a cópia no HD, não apenas no cartão de memória. O DVD de boa qualidade é uma opção, mas precisa ser verificado periodicamente, a cada quatro ou cinco anos, por exemplo. Ainda não se sabe com precisão a durabilidade desse suporte.

João aconselha a imprimir o acervo digital (dependendo do grau de importância), mas, mesmo assim, verificando a qualidade do material de impressão. As cópias "expressas" costumam utilizar tinta corante, não pigmentada, de baixa qualidade. Principalmente o amarelo se perde com o tempo, a tonalidade é afetada pela luz (algumas imagens ficam num tom magenta).

João destaca que há papéis fotográficos com mais de 100 anos, de Ph neutro ou fibra de algodão, que ainda mantêm qualidade, graças a essa base e às tintas pigmentadas empregadas no processo, enquanto materiais recentes já estão se apagando.

Álbuns

Há condições diferentes de preservação das fotografias, dependendo do álbum onde está. Considerados parte da memória, esses materiais (a forma como estão organizados, as legendas ou outras informações neles contidas) são interessantes objetos de conservação, mas muitas vezes apresentam ambiente agressivo às próprias fotos. É o caso, recorda João, do álbum chamado de magnético, comum nos anos 80, com adesivo para fixar as imagens.

Álbuns mais antigos, com entrefolhas de papel manteiga, também podem contribuir para a deterioração, sendo aconselhável trocar esse material, ácido, por papel glassini, disponível em papelarias especializadas.



Atelier São Lucas

Conservação e restauro de Arte Sacra

Dr. Celso Bordignon • ABRACOR 943
saolucas.atelier@gmail.com • 54 99656 2278

Uma assinatura para a arte anônima

O acervo de arte sacra do Museu dos Capuchinhos contém alguns enigmas. São fragmentos e peças sem procedência ou autoria, informações importantíssimas para que a arte possa ser interpretada e reinterpretada pelas gerações atuais e futuras. Datam de um momento em que ainda não havia sido implantada a metodologia de Documentação Museológica. Embora, desde sempre, o MusCap tenha feito o registro de suas entradas e das informações pertinentes, em alguns momentos em um livro tombo, outros em um diário, outros em etiquetas que eram afixadas diretamente nas peças, algumas dessas informações se perderam. Para sanar uma parte deste problema, está em desenvolvimento no MusCap o projeto 'Uma assinatura para a arte anônima'. Resultado de um edital aprovado pelo Financiarte - fundo de cultura da cidade de Caxias do Sul, o projeto propõe a investigação sobre o acervo de Arte Sacra do Museu dos Capuchinhos, com enfoque nos altares, retábulos e imaginárias de madeira.

O trabalho prevê a descrição estilística, a identificação de autoria e a contextualização histórico-espacial

dos locais de origem de cada peça. Os responsáveis pela execução são Vivian Schiavenin, arquiteta, e Fernando Pozzer, restaurador. Os profissionais seguem metodologia criteriosa, sobre um lote de 27 peças, inicialmente, ao qual foram acrescentadas outras duas.

"O processo foi desafiador devido à falta de informações, que se perderam ao longo do tempo. Ao investigarmos a origem do acervo, através de entrevistas com os freis mais idosos, e pesquisa em fotos e documentos, percebemos o quão importante é registrar os acontecimentos, seu histórico, e informações referentes aos acervos, no momento em que ingressam no museu", destaca Vivian.

Como não se fazia a identificação na peça, parte do trabalho dos pesquisadores e restauradores e do pessoal do Programa de Documentação e Pesquisa foi rever diários e livros tombo, na tentativa de encontrar a peça que se procura, ou o contrário, seu continente. "O acervo de fotos antigas foi essencial para recompor alguns altares", revela Susiele Alves Ramos, historiadora, a respeito das descobertas.

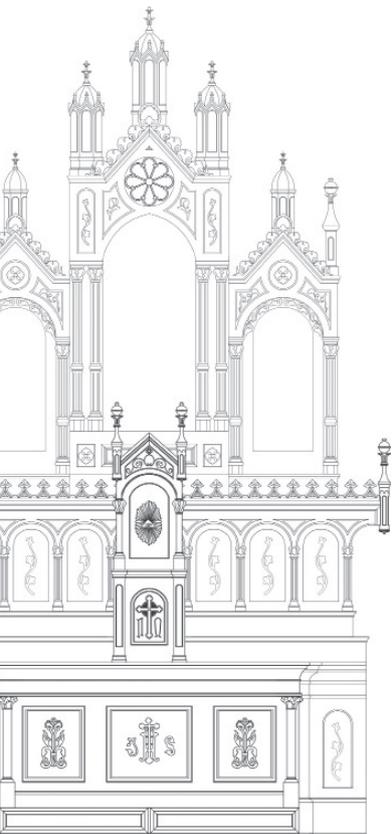
MEMÓRIA
Altar da Capela do Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Ipê, 1956





MUSEU

Retábulo (à direita) e parte do altar proveniente da Capela do Seminário Nossa Senhora de Fátima, após identificações



RECONSTITUIÇÃO

Projeção de altar, montada a partir das pesquisas

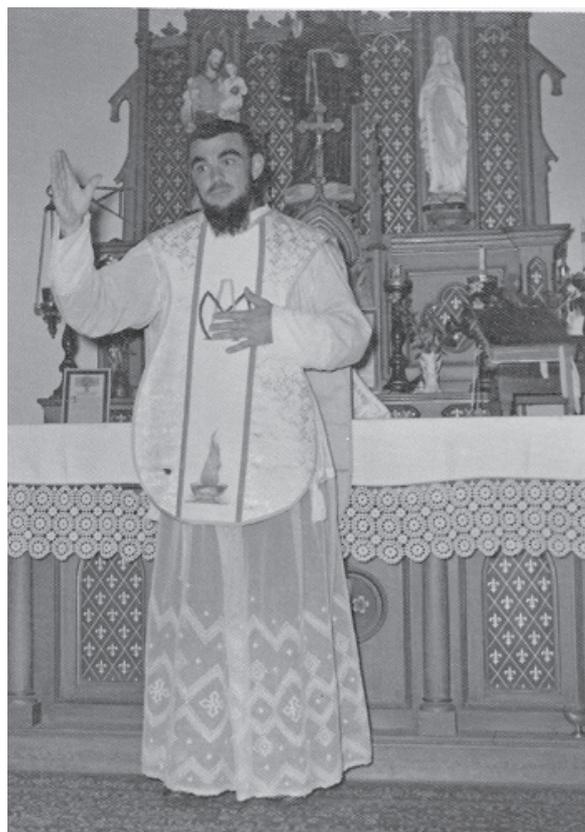
O resultado será disponibilizado por um Catálogo Virtual, integrado ao site do Museu dos Capuchinhos. O catálogo irá documentar o acervo por meio de levantamento fotográfico e desenho com descrição estilística, medidas e identificação dos materiais. Os pesquisadores também caracterizaram historicamente a produção dos acervos, identificando período de produção e autoria. Os locais de precedência (igreja, capela, seminário, outros) e a inserção do acervo na edificação (através do desenho de plantas e levantamento de fotografias antigas) fazem parte do trabalho.

De acordo com Fernando, “um dos momentos mais gratificantes foi poder remontar um altar fragmentado, por meio de referências fotográficas. As peças desse altar encontram-se separadas na reserva técnica do museu, no entanto, a pesquisa possibilitou a identificação, permitindo a simulação e o entendimento do todo por meio digital, já que o espaço físico não permite”, afirma.

A museóloga Mirella Honorato destaca que foi uma das maiores descobertas do projeto: “Acreditávamos ser peças separadas, e acabamos chegando ao altar mais importante dentro do acervo, pois é um altar mor de Capela, praticamente completo, com tais dimensões, não temos outro exemplar”, revela.

Os pesquisadores concordam que, com a pesquisa e um olhar mais atento para o diagnóstico e descrição estilística, foi possível perceber detalhes que geralmente são ignorados. “Estes detalhes demonstram a riqueza do mobiliário e imaginária religiosa da nossa região”, afirmam.

O mérito do projeto encontra-se em propor um estudo acerca de uma importante faceta da história da arte regional, produzida por santeiros, escultores e marceneiros relegados ao esquecimento. “Uma assinatura para a arte anônima” será um instrumento importante de divulgação dessa arte, não apenas pelo web site, mas pelas exposições e ações educativas que serão realizadas no MusCap no decorrer dos próximos anos. A primeira dessas exposições está prevista para março de 2017.



REGISTRO

Primeira Missa de Dom Frei
Ângelo Domingos Salvador
1958 – Capela do Convento São
Lourenço de Brindisi, Porto Alegre

FRAGMENTO

Altar da Capela
São Lourenço de
Brindisi, que foi
preservado no
MusCap



Características

O acervo de arte sacra do MusCap é formado por obras produzidas por artistas populares para igrejas, conventos seminários de todo o Estado. A Igreja Católica, no período colonial, cumpriu importante papel na formação da cultura regional, como irradiador de arte e cultura, grande parte da arte produzida neste período era voltada para o sagrado.

A coleção constitui importante legado material do catolicismo regional e demonstra a genialidade da arte popular, que adaptou a regra da Igreja aos materiais existentes na região. Como

exemplo, os altares e retábulos confeccionados em madeira e pintados com técnicas de marmorização, com o objetivo de imitar o material nobre que as normas litúrgicas propunham. A pintura dourada nas volutas e ornamentos dos mobiliários substituiu as folhas de ouro, utilizadas em grandes centros e adquiridas a custos elevados. Os entalhes da imaginária, muitas vezes considerados grotescos se comparados à apurada técnica que já era desenvolvida na Europa, demonstram o esforço do artista para produzir uma arte que o ligaria ao sagrado e revela as feições dos nativos e colonizadores.

IMAGINÁRIA
À esquerda,
escultura religiosa
de madeira
policromada –
Nossa Senhora de
Lourdes. Abaixo,
escultura religiosa
de madeira
policromada –
Santa Hortênsia



CATALOGAÇÃO

Um dos desafios enfrentados pelo museu durante o processo foi quanto ao sistema de catalogação, uma vez que as peças fragmentadas demandam critérios. “É necessário nominar cada fragmento, e no Brasil, não temos uma normativa que dê conta disso”, explica Mirella.

Foi necessário buscar referência no sistema Português de catalogação. “A própria forma de entender o conjunto todo como uma peça, que se desmembra em diversas outras, é para nós - e imagino que para muitos museus - um desafio”.

Na poética dos objetos, o legado da fé



AMBIENTAÇÃO
Na mala de cada frei, a essência de sua trajetória, como os instrumentos musicais que representam parte significativa da atuação do Frei Exupério De La Compôte

Os museus, em sua concepção atual, não são coletores passivos de objetos. Mais que recolher, restaurar e preservar, têm uma função ativa em suas comunidades: com suas exposições e eventos, devem sensibilizar e instigar a criação pessoal de sentido. São espaços por vezes lúdicos, interativos, multimidiáticos, que fazem conexões entre os saberes. Esses preceitos são seguidos com muito profissionalismo no Museu dos Capuchinhos, de Caxias do Sul, o MusCap. Nesse museu esteve aberta de 28 de abril a 18 de outubro a exposição Peregrinos e Forasteiros. Uma ambientação surpreendente, dialogando com depoimentos em áudio e trechos textuais em destaque, ofereceu aos visitantes a oportunidade de conhecer a história de dez freis capuchinhos de diferentes gerações pelos seus objetos pessoais.

Ao mesmo tempo que observava o legado de cada

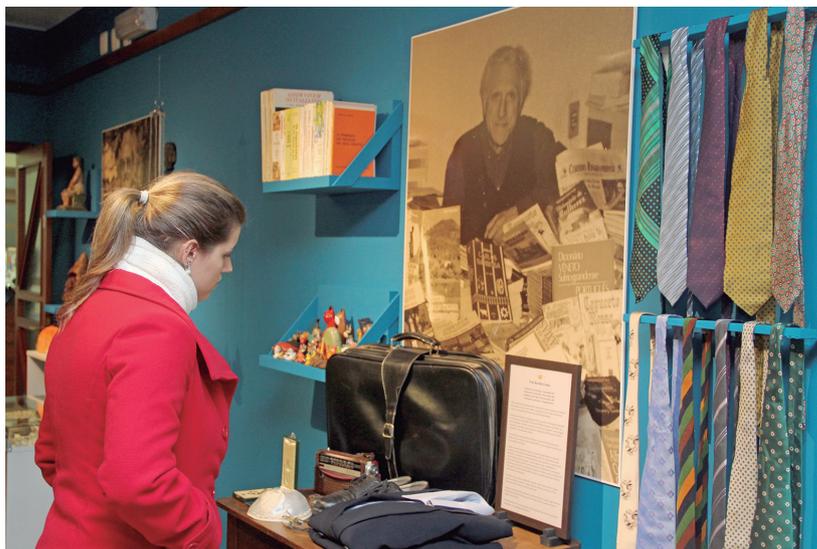
um dos religiosos, um acervo que podia abranger de ferramentas a lembranças de viagem, o visitante ia formulando questões a respeito de seus próprios pertences essenciais - objetos que traduzem o seu modo de ser no mundo, colocando-se igualmente na condição de peregrino e forasteiro, afinal, estamos todos de passagem por aqui.

Assim como Lina Bo Bardi surpreendeu, em 1963, ao apresentar os pertences da população nordestina no Museu de Arte Popular Solar do Unhão, na Bahia, organizados em caixas de pinho - como as que expõem as frutas na feira, o MusCap também tomou por base um expositor original: organizou os pertences dos freis nas suas malas de viagem. O coordenador da exposição e diretor do museu dos Capuchinhos, frei Celso Bordignon, explica que cada vez que um frei morre, dele é

guardada sua mala e, dentro dela, os objetos pessoais que ajudam a representar sua história. A coleção "Sala das Malas", que começou a ser formada antes mesmo da implantação do Museu dos Capuchinhos, preserva as memórias individuais de cada frei que ajudou a construir a Província do Rio Grande do Sul, que este ano completou 120 anos de presença no Estado. Foi um trabalho minucioso escolher, entre tantas biografias, apenas dez para serem contadas neste momento. Como a exposição faz parte das comemorações dos 120 anos da presença capuchinha no Estado, a museóloga Mirella Honorato tomou como critério trazer histórias representativas de diferentes períodos dessa trajetória e, ao mesmo tempo, dedicar atenção aos freis que fazem parte da memória mais recente da comunidade, considerando o valor afetivo de seu legado.

A condição de "peregrinos e forasteiros segue as premissas da Ordem: os freis fazem votos de pobreza e obediência e têm na mala a parte que podem carregar de suas vidas a cada nova missão. Alfaiate, pesquisador, missionário, pároco, marceneiro, músico... Muitas das malas caracterizam talentos, personalidade e uma missão cumprida, desde que os primeiros freis franceses vieram implantar a Ordem no Rio Grande do Sul. Na diversidade de funções estava a autonomia de um grupo: cumprindo o seu papel, cada frei contribuiu para o sucesso da expansão capuchinha no Brasil.

A exposição reuniu, ainda, fotografias da vida cotidiana dos freis e documentos que mostram os deslocamentos e viagens, como passaportes e as cartas de obediência. Um dos destaques foi o acervo do frei Rovílio Costa, fundador do museu, pesquisador e autor de vários livros, que morreu em 2009. Na sua mala, entre outros itens, há uma coleção de gravatas, quipás que ganhou ao frequentar cerimônias judaicas, miniaturas de gatos e, claro, parte dos livros que editou.



DETALHES

Acima, acervo do Frei Rovílio Costa, fundador do museu. Ao lado, acervo do Frei Sylvio Dall'Agnol, único ainda vivo entre os que foram lembrados pela exposição, com admirável coleção de objetos oriundos de viagens à África



EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

O acervo

Frei Bruno de Gillonnay (1859 - 1938)

Frei francês que fundou a Província dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. Dele, se tem na exposição o diário de sua missão.

Frei Exupério de La Compôte (1876 - 1971)

Também frade francês, destacou-se como músico e professor de música; seus objetos incluem violino, partituras, batuta de regente, livros de sua autoria sobre música, estola, terço e porta-rapé.

Frei Pacífico de Bellevaux (1873 - 1957)

Outro francês, foi professor nos seminários. Sua mala e seu carimbo, com sua assinatura, foram expostos.

Frei Alberto Stawinski (1909 - 1991)

Primeiro provincial eleito na Província do RS, atuou também como pároco e vigário de diversas paróquias e foi pesquisador da imigração polonesa. Em sua mala, objetos litúrgicos de viagem e seus livros.

Frei Rovílio Costa (1934 - 2009)

Idealizador do MusCap, pesquisador das diferentes imigrações no Estado e editor, era um frei ecumênico, circulava em outros meios religiosos, principalmente judaico. Em sua mala o terno, um radinho, terço, sapatos, parte de sua coleção de gravatas e de bibelôs de gatos, de quipás e alguns dos livros que editou.

Frei Luiz Carlos Franceschet (1931 - 2012)

O frei, que ingressou na vida religiosa apenas aos 30 anos, trouxe consigo o ofício de alfaiate e atuou como irmão alfaiate; estão expostas suas malas, sua máquina de costura, peças de tecido, moldes confeccionados por ele e outros utensílios de costura, como dedal e giz.



A SERVIÇO Acervo do Frei Luiz Carlos Franceschet, que exerceu a função de alfaiate



Frei Ambrósio Tondello

(1912 - 1990)

Atuou cerca de 30 anos como conselheiro espiritual na paróquia Imaculada Conceição, e sua mala inclui hábito, relógio de bolso, escapulário, objetos litúrgicos para viagem e as medalhinhas que presenteava às pessoas que iam com ele se aconselhar.

Frei Salvador Pinzetta

(1911 -1972)

Destacou-se pela vida de oração e extrema simplicidade, tanto que foi encaminhado o processo para a sua beatificação e, anualmente, ocorre uma romaria até o eremitério onde rezava, em Flores da Cunha; sua mala retrata essa simplicidade, com seu hábito, terço e relógio de bolso.

Frei Terêncio Zancanaro

(1933 - 2015)

Sua mala reflete as funções de horticultor e serviços gerais. Foram expostos botas, caixa de ferramentas e utensílios de pesca.

Frei Sylvio Giocondo Dall'Agno

(1929)

Único frei ainda vivo entre os que tiveram suas malas expostas, foi missionário na República Centro Africana e na Bahia. Teve expostas vestes africanas, esculturas e adornos que trouxe da África, além de parte de sua coleção de pedras e sua máquina fotográfica.



PÚBLICO

Acima, o diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon, na abertura da exposição

VISITAÇÃO

Visando ampliar cada vez mais o acesso de diferentes públicos, o MusCap promove visitas mediadas, com base em propostas de leitura de imagens, elaboradas com o intuito de oportunizar a fruição e a compreensão das obras do acervo e outras que venham estar nas exposições, adequadas a cada faixa etária e propósito de cada grupo. Podem ser desenvolvidas ações práticas com a intenção de tornar concretos conceitos abordados durante a visita.

O Acervo Museológico está disponível para consulta, mediante agendamento. É possível também realizar uma visita técnica aos diferentes programas que envolvem o processamento técnico do acervo, como o Programa de Documentação e Pesquisa ou o Programa de Conservação e Restauro. Voltadas para profissionais de Museus e Arquivos e para estudantes, as visitas técnicas precisam ser agendadas com antecedência. São gratuitas.



Grupo Antoniano de Peregrinações

Viagens para Fatima, Italia e Terra Santa

Endereço: Rua General Sampaio, 161A, Bairro Rio Branco
Caxias do Sul/RS - Telefone: (54) 3226.2211



Nos jardins da memória



REFERÊNCIA
Arquiteto e paisagista, Carlos Fernando de Moura Delphim tem longa trajetória no Iphan

Todo jardim tem como arquétipo os Jardins do Éden, ou seus equivalentes míticos nas mais diversas culturas. Não poderia haver melhor definição para um começo de entrevista com Carlos Fernando de Moura Delphim, um apaixonado pela beleza, pela vida e pelas histórias contidas nesses microcosmos. Conheci Delphim em 2012, em uma visita com a família ao Rio de Janeiro. Foram dois breves e memorá-

veis encontros, um deles saindo do Iphan, no Centro, até um Mosteiro próximo, o de São Bento, detentor de um acervo barroco. Centenas de anjos, com expressões únicas e impressionantemente vivas, entretinham nosso olhar enquanto Delphim, falante e bem-humorado, ia do Éden às brincadeiras mais triviais que se pode fazer com uma criança de cinco anos – minha filha nos acompanhava.

O segundo encontro foi no Parque Lage, aos pés do Corcovado, um magnífico jardim no entorno de uma mansão tombada, onde se realizam cursos de arte. Ali também Delphim era um menino, entusiasmado com a idade das árvores, seus majestosos galhos e seus ocos. Lembrei-me de seu nome recentemente, quando, em visita à Casa do Sol (propriedade da escritora Hilda Hilst transformada em Instituto Cultural, em Campinas, São Paulo) soube da necessidade de um profissional que pudesse pensar a manutenção daquele jardim – famoso por uma centenária figueira – de forma a preservar o “espírito do lugar”, coisa que Delphim pontua tão bem em obras como Paisagens do Sul e Jardins do Brasil (livros que podem ser solicitados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, gratuitamente).

Um entendimento de vanguarda sobre o patrimônio, em especial o conceito de paisagens culturais, marca a trajetória – e as batalhas – travadas por Delphim. Paisagem é a natureza transformada. Diferentemente de tombar um bem imóvel (prédio histórico), ou estabelecer uma área de preservação ambiental (natureza), tombar paisagens pressupõe considerar o conjunto de elementos naturais (que pode ir do céu ao subsolo), e a ação humana sustentável. “São um patrimônio em sua dinâmica, precisam ser consideradas nesse movimento que é próprio da vida”, explica.

Arquiteto e paisagista formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, Delphim foi técnico do Iphan e membro da Comissão de Patrimônio Mundial da Unesco. Trabalha com projetos e planejamento para manejo e preservação de sítios de valor paisagístico, histórico, natural, paleontológico e arqueológico. Discípulo de Burle Marx, o paisagista favorito do mestre Oscar Niemeyer se diz desolado com o quadro nacional. Refere-se aos desmandos políticos que terminam por condenar ao esquecimento alguns avanços na área. Um recente exemplo foi a sua sugestão para que o processo de tombamento pudesse ser voluntário – e não apenas compulsório, quando a determinação é



Paisagem é a natureza transformada. Tombar paisagens pressupõe considerar o conjunto de elementos naturais (que pode ir do céu ao subsolo), e a ação humana sustentável

feita de fora e sem nenhuma vantagem para o proprietário, que precisa seguir pagando o imposto territorial, por exemplo. A ideia foi aprovada: uma série de vantagens poderia ser dada àquele que, depois de perceber em sua propriedade uma paisagem cultural relevante, entrasse com o pedido de avaliação ao Iphan. Considerada a importância do sítio, o solicitante teria isenções de impostos, além de vantagens na exploração turística sustentável daquele bem.

Apesar de ter conseguido deixar no papel essa evolução, Delphim tem notícia de pelo menos 20 solicitações paradas no Iphan, após a sua aposentadoria que, de certo modo, representou uma desistência das batalhas políticas, para se dedicar à consultoria sobre paisagens em terrenos (humanos) mais férteis.

Para Delphim, “os brasileiros (suofocada a sabedoria indígena) tornaram-se analfabetos em botânica” – desconsideram a história das plantas, suas necessidades. “Detesto quem se refere a animais apenas como caça e à vegetação como madeira!” – enfatiza. Suas posições, muitas vezes incomodaram os que preferiram fazer do seu cargo no instituto ape-

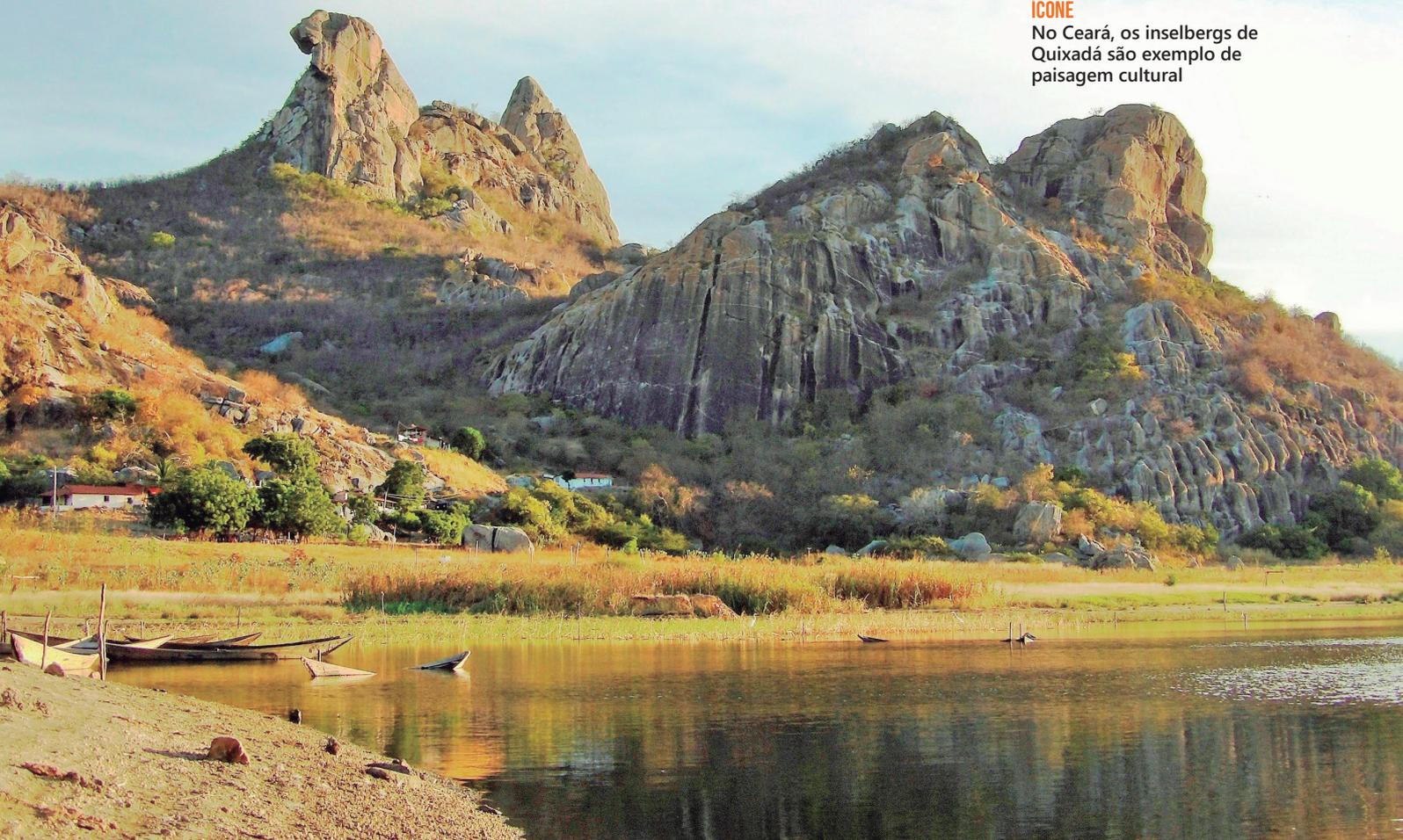
nas um emprego.

Visionário, conta que, antes mesmo da promulgação da Carta de Florença, publicação de um conselho internacional a respeito dos jardins históricos, de 1981, já havia intuído a linha de trabalho que seguiria. Em 1977, foi convidado a atuar junto ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, momento em que se deparou com uma cultura ainda atrelada apenas ao material: “A equipe era formada por arquitetos e historiadores da arte, tinham dificuldade em pensar de forma cuidadosa a vida do jardim, a meu ver, o continente, enquanto os bens imóveis são o conteúdo”, diz.

O Jardim Botânico foi palco de iniciativas como os cantos-piloto, possibilidade de trabalhar, em parceria com um horticultor gaúcho, as necessidades da vegetação em área delimitada, antes de expandir qualquer modificação para a grande área, considerando que cada interação com a vida de um jardim precisa ser criteriosamente avaliada.

ÍCONE

No Ceará, os inselbergs de Quixadá são exemplo de paisagem cultural



Projetos como esse, no entanto, tiveram vida mais curta que o esperado, suscetíveis às trocas de gestão.

Já nos primeiros anos de atuação enfrentava um problema que avança: com uma área total de 138 hectares, apenas 54 hectares destinados à visitação, o Jardim Botânico do Rio, patrimônio de todos os brasileiros, sofre com invasões. “A conurbação urbana tende a ligar parte do jardim à Rocinha. Enquanto políticos se valem das invasões, muitas vezes em locais de risco para as pessoas, para estabelecerem seus domínios eleitoreiros, o jardim se vê ameaçado. O número de visitantes que recebe vai além de sua capacidade, e uma possível expansão da área de circulação esbarra em moradias, lixo e destruição”, lamenta.

Apesar da grande distância entre o Éden e o fazer humano, Delphim seguiu atento às pesquisas e publicações que influenciam toda uma nova geração atenta, muitas vezes, ao intangível. Chegou a propor, num dado momento, que se tombasse o céu de Brasília, a seu ver “a parte bonita dessa cidade está mesmo acima do horizonte, distante da cena da corrupção”. A ideia repercutiu. O céu como paisagem cultural só poderia fazer parte do mapa astral desse geminiano com ascendente em Peixes que perguntou, no fim da entrevista, qual é o meu signo – e comentou: “Aquário!, que ótimo, os aquarianos entendem de liberdade. Tudo o que eu disse você pode publicar”.

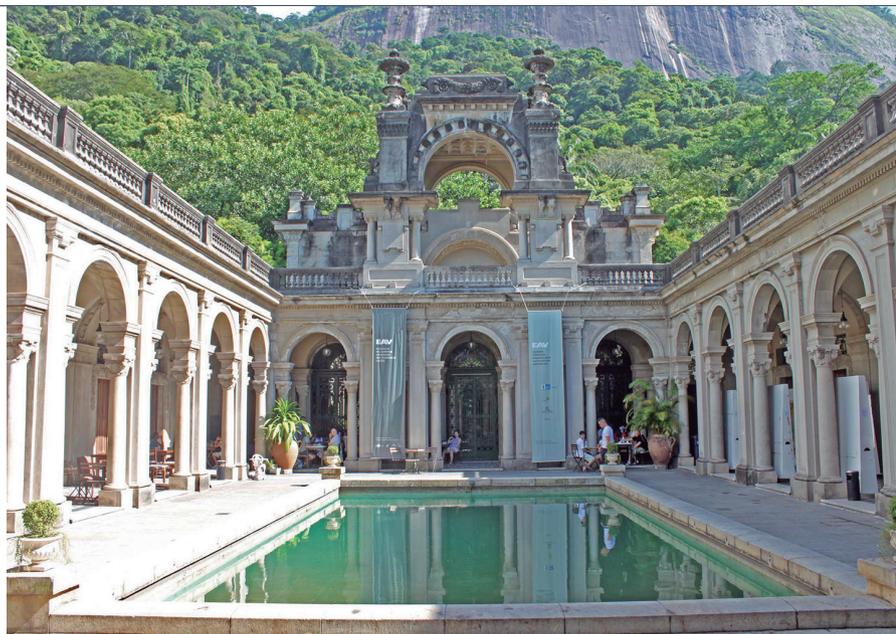
“

Enquanto políticos se valem das invasões, muitas vezes em locais de risco para as pessoas, para estabelecerem seus domínios eleitoreiros, o Jardim Botânico do RJ se vê ameaçado

PAISAGENS CULTURAIS

Alguns exemplos no Brasil:

- **Histórica:** o sítio do Descobrimento, as margens plácidas do Ipiranga, o sítio da casa de José de Alencar em Fortaleza.
- **Artística:** seria qualquer paisagem retratada desde a chegada dos viajantes europeus no século XIX, como os jardins de Glaziou e de Burlle Marx.
- **Geológica:** os penhascos do Rio de Janeiro, o Vale do Cariri, a Ilha do Bananal, em Goiás, e o deserto do Jalapão, em Tocantins.
- **Científica:** dentre os muitos sítios de valor geológico e paleontológico, a Pedra do Letreiro, em Souza, Paraíba. Trata-se de um sítio de icnofósseis, com pegadas petrificadas de um dinossauro, o primeiro documento científico do Brasil.
- **Geomorfológica:** as impressionantes formações rochosas com efeitos pareidólicos (quando a paisagem revela uma figura aos olhos humanos), como os inselbergs (relevos residuais que se destacam na paisagem) de Quixadá (forma de galinha), no Ceará, ou a Pedra do Lagarto e o Frade e a Freira no Espírito Santo, ou a Pedra da Boca, na Paraíba;
- **Espeleológica:** são as cavernas tombadas pelo Iphan como as grutas Azul, em Bonito (MS), Terra Ronca (GO) e outras. Vale lembrar que a responsabilidade pelo patrimônio espeleológico nacional é atribuição legal conferida exclusivamente ao Ibama, salvo quando protegidas pelo tombamento.
- **Hidrológica:** como as Águas Emendadas no Distrito Federal ou o encontro de águas de diferentes cores em rios na Amazônia, ou todo o percurso do Rio São Francisco.
- **Arqueológica:** como São Raimundo Nonato e Sete Cidades, no Piauí. Aí se registra uma das mais comovedoras cenas familiares de um cotidiano perdido há milênios: um pai pré-histórico grava a forma de sua mão colocando-a contra uma parede de pedra e pulverizando todo o redor com um pigmento terroso. Em uma pedra bem mais baixa, vê-se a mesma inscrição, de uma mãozinha infantil, certamente do filho copiando o que estava sendo feito pelo pai. Mortos há mais de mil anos podem continuar tocando nossos corações com gestos de amor e ternura.



- **Rural:** como as antigas fazendas de café e cacau, que desaparecem para dar lugar a perniciosos monocultivos.
- **Simbólica:** como o Sítio de Porongos, onde ocorreu o assalto das tropas imperiais que provocou a mortandade dos lanceiros negros propositalmente separados do restante das tropas e desarmados por Davi Canabarro e que hoje é um monumento ao sonho humano de liberdade.
- **Religiosa:** como o sítio onde apareceu a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, e onde se construiu sua Basílica.

BENS
No alto da página, jardim do Parque Lage, no RJ, e, abaixo, o Cerro do Jarau, no RS, paisagem relevante pela construção mítica a ela atrelada

Projeto Onde Estou?

busca apoiadores

FOTOS: ROSE BROGLIATO



AÇÕES

Em várias etapas, incluindo práticas e exposição final, o projeto estimula o vínculo dos estudantes com a cidade por meio do conhecimento de seus bens culturais

Depois de quatro anos e excelentes resultados, o Projeto Onde Estou?, ação educativa desenvolvida pelo Instituto Bruno Segalla (IBS) em Caxias do Sul, precisou desacelerar. A crise econômica de 2016 afetou a destinação de verbas à iniciativa por parte das empresas. Seu histórico, no entanto, não deixa dúvidas em prol da continuidade.

“O Instituto Bruno Segalla foi criado pela vontade de preservar memórias, histórias e arte em uma cidade que oferece tantos caminhos, mas que ainda carece de investimentos para a formação de público. E acreditamos que a escola precisa conversar com os museus da cidade, com suas memórias e histórias. Afinal, como alimentamos a vontade de cultura? De preservação do Patrimônio artístico, cultural, histórico da cidade?”, esclarece Sinara Maria Boone, coordenadora do programa educativo.

Sinara explica que o Projeto Onde Estou? possibilitou, em todas as suas edições, a integração de ideias, pensamentos, memórias, em um espaço de estímulo às possibilidades da vida, cultural, criativa, artística. “Foi reconhecido por nossos parceiros de outros museus (da cidade e do Estado) pelo trabalho de mediação e formação realizado junto às escolas em todas as suas edições”, diz.

Além de estudantes, também são envolvidos professores e profissionais dos espaços de cultura. A abrangência é municipal, pois entre os objetivos destaca-se a promoção de ações com ênfase no exercício do senso de pertencimento e identidade cultural e social dos participantes.

Em 2016, os atendimentos foram realizados a partir de visitas espontâneas de escolas e grupos de alunos de universidades, em um encontro e sob agendamento para a exposição Terra, Fogo e Metal, com curadoria do escultor Mario Caldera. “As reflexões foram muitas e importantes para nos estimular a seguir acreditando que essas ações não podem parar”, destaca Sinara.

O trabalho diário seguirá com equipe reduzida e com o auxílio de alguns voluntários. Atualmente, segundo a coordenadora, há instituições parceiras que oportunizam os recursos mínimos necessários (financeiros, materiais e/ou pessoais), além do apoio de amigos do IBS. “Mas, para realizarmos novas edições do Onde Estou?, precisamos de aporte financeiro, mediante a doação de impostos das empresas da região. Acreditamos num futuro de valorização cultural, afinal, algumas das sementes plantadas decerto florescerão”, destaca.

DINÂMICA

O projeto tem sete etapas:

1. Divulgação

O Instituto Bruno Segalla (IBS) faz a divulgação junto aos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas de Caxias do Sul.

2. Inscrições e agendamentos

As escolas interessadas inscrevem-se.

3. Qualificação

Os professores e coordenadores pedagógicos das escolas agendadas participam de encontros de formação no IBS. Os profissionais de espaços culturais da cidade também têm uma oportunidade de formação, com palestra sobre educação patrimonial.

4. Material de apoio docente

Os professores das turmas participantes recebem material de apoio contendo textos, propostas pedagógicas e ficha de avaliação. Outros professores interessados também podem solicitar esse material.

5. Oficinas e visita mediada à cidade

Cada turma participa de três oficinas no IBS e de uma visita mediada a um ponto cultural da cidade, trabalhando com conhecimentos relacionados à identidade, memória, patrimônio, cultura, educação e pertencimento.

6. Exposições coletivas

No final do semestre é realizada uma exposição com mostras de produções artísticas dos alunos durante a realização do projeto. O evento é gratuito e aberto à comunidade.



CONHEÇA

O IBS-Instituto Bruno Segalla foi criado em 2005 e se localiza na Rua Andrade Neves, 603, no Centro de Caxias do Sul. É uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), reconhecida como museu pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Busca a construção e o fomento da cultura e da cidadania local, utilizando como referência o patrimônio histórico cultural do escultor e medalhista caxiense Bruno Segalla.

Nascido em Caxias do Sul, RS, em 1922, Segalla tornou-se um dos grandes artistas do Estado. Foi metalúrgico, sindicalista e participou ativamente da vida cultural e política da cidade até o seu falecimento, em 2001.

Confeccionou medalhas para a Casa da Moeda do Brasil, a medalha da Eco 92 e da inauguração do Banco do Brasil em Milão. Esculpiu efígies de personalidades como Getúlio Vargas, Evita Perón, Ayrton Senna, e escreveu frases com até 135 letras em cabeças de alfinetes.

Criou centenas de pequenas esculturas em cerâmica, madeira e bronze, com motivos centrados no figurativo, com influência cubista. Entre suas obras, destacam-se alguns monumentos importantes em Caxias do Sul, como: Jesus Terceiro Milênio; a obra Instinto Primeiro, na Praça Dante Alighieri; o Padre Eugênio Giordani, localizado no Largo de São Pelegrino; a Estátua de Ana Rech e o Monumento aos Diretos Humanos, na Câmara de Vereadores.

ABRANGÊNCIA

Foram atendidos um total de 4.180 alunos:

Ano	Público
2012	1.064 alunos/ 38 escolas municipais e estaduais de Caxias do Sul
2013	1.568 alunos/ 61 escolas municipais e estaduais; alguns grupos de formação e cidadania de Caxias do Sul
2014	500 alunos / 17 escolas municipais e duas instituições sociais de Caxias do Sul. Nesse ano foi realizado em prazo reduzido, de agosto a novembro, em virtude da transição e mudança das instalações do IBS para o Campus 8.
2015	1.048 alunos/ 39 escolas municipais e estaduais de Caxias do Sul.



Qualificação profissional em **conservação e restauro**

PAPÉL

Restaurador Celso Bordignon desenvolveu curso a partir das necessidades específicas das bibliotecas municipais de Caxias do Sul



Anexo ao Museu dos Capuchinhos, o Atelier São Lucas é uma referência para profissionais e amantes das artes e de áreas ligadas à cultura e à restauração. Empresa autônoma, presta serviços na formação e aperfeiçoamento técnico e atende, inclusive, a algumas demandas do museu.

Em 2016, foram realizadas as Oficinas de Conservação e Restauro de Livros, para funcionárias das bibliotecas das Escolas Municipais de Caxias do Sul, coordenadas pelo frei Celso Bordignon, restaurador, também ministrante de algumas delas, em conjunto com a sua equipe. A iniciativa foi de extrema importância para proteção do acervo de cada biblioteca.

Antes da formação das oficinas, Bordignon destaca que foi feita uma visita a uma escola para fazer um diagnóstico sobre as principais dificuldades e problemas do coti-

diano de uma biblioteca de escola, o que permitiu perceber que, muitas vezes, bastam pequenos cuidados para já melhorar, em muito, as condições de conservação de um livro. O primeiro deles é estar atento aos agentes do ambiente potencialmente nocivos, como sol, poeira e umidade.

Com um total de oito horas, para 49 pessoas, possibilitou abordar os seguintes temas: Conservação preventiva e parâmetros climáticos de guarda de acervos biblioteconômicos; Pequenos consertos (capas e folhas rasgadas); Restauro de livros - costura arráfica (capas soltas, folhas desprendidas); Acondicionamento e guarda do acervo bibliográfico.

No Atelier São Lucas são ministrados, também, cursos de pintura e de restauro de imagens sacras e esculturas, valendo-se da experiência de Bordignon, tanto nas áreas técnicas quanto nas Artes Plásticas.

OUTROS CURSOS REALIZADOS

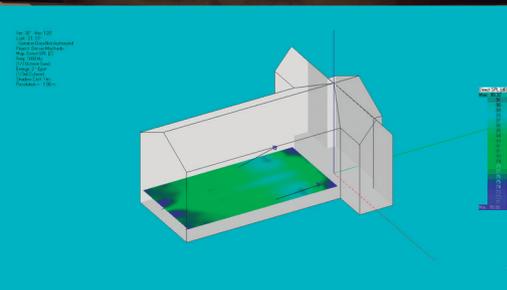
● **Conservação e Restauro de Papéis (20 horas)** - Voltado à formação de trabalhadores de Museus, Arquivos e Espaços de Memória do Município de Caxias do Sul. Conteúdos: identificação do papel e diagnóstico, conservação preventiva e parâmetros climáticos de guarda, higienização, pequenos consertos, enxertos, obturações e velaturas. Apresentação dos tratamentos aquosos e suas implicações. Acondicionamento e guarda. Professor: restaurador Celso Bordignon.

● **Conservação e Restauro de Documentos Fotográficos (20 horas)** - História da fotografia, identificação dos principais processos fotográficos (albúmen, gelatina P&B, ampliações cromogênicas), formatos de época (fotografia e álbuns). Princípios da conservação, fatores de deterioração. Práticas de conservação e restauro: higienização, consolidação e reparos do suporte primário. Reconstituição de suporte secundário: rasgos, perdas. Áreas desgastadas e dobras. Encadernação e desmontagem de álbuns. Embalagens. Digitalização. Professor: restaurador João Mendes.



FOTOGRAFIA

Especializado na restauração de imagens, João Mendes Neto explanou sobre os diferentes materiais fotográficos utilizados ao longo da história, orientando para as especificidades de cada um



ES ELETRO SONICA

TECNOLOGIA EM ÁUDIO

EPECIALIZADA EM SISTEMAS DE SOM PARA IGREJAS

*participe da liturgia de forma tranquila e orante
a som não precisa ser um motivo de distração
temos tudo que sua comunidade precisa*

- Sistemas de som digital
- Automação de cenas de áudio
- Controle por iPad
- Limitação de volumes
- Treinamentos
- Garantia de 2 a 3 anos
- Mais de 15 obras desde 2013 (veja em nosso site)

- Aumento do índice de inteligibilidade
- Redução da reverberação
- Predição via software e alinhamento
- Medições acústicas (RT60 e SMAART)
- Colunas e Line Arrays

E MAIS:

- Automação de sinos
- Automação e controle de iluminação (cenários)
- Projetores e telas

REVENDEDOR INTEGRADOR AUTORIZADO DAS MARCAS:



FAÇA CONTATO E TIRE SUAS DÚVIDAS! (54) 9.9148.4111 : (54) 9.9151.0918 : contato@eletrosonica.com.br : WWW.ELETROSONICA.COM.BR



AUTODIDATA

A artista Benedita Zadoná Ceccato tem ateliê em Vila Flores

Espaço aberto à comunidade

O Museu dos Capuchinhos abriu suas portas para acolher exposições de artistas e coletivos através do Edital #ocupa-MusCap. Foram selecionadas duas propostas de exposições, para 2016 e 2017. O critério estabelecido foi o diálogo com os objetivos e com o acervo do museu. O convite contemplou artistas individuais, coletivos e curadores, nas mais diferentes linguagens artísticas.

Para exposição ainda em 2016, a proposta selecionada foi 'São Francisco - Il Poverello d'Assisi', de Benedita Zadoná Ceccato (artista). Para 2017, 'Suvenires através das memórias dos freis capuchinhos no RS', de Felipe Zaltron de Sá (curador/pesquisador).



OBRAS

Terço e Il Poverello D'Assisi (acima, à direita) peça que dá nome à exposição



De barro e fé

Com abertura em 23 de novembro, a exposição de Benedita Ceccato apresenta imagens em barro coerentes com toda a trajetória da artista. Os pais de Benedita, Domingos Luiz Zandoná e Dozolina Amábile Ferronato Zandoná, eram da Ordem Terceira Franciscana; a reza do Ofício de São Francisco acompanhou sua vida, ligada à pequena Igreja de São Francisco, na comunidade de São Francisco do Retiro, Veranópolis, onde Benedita nasceu.

Ao longo da vida da artista, residente em Vila Flores, a inspiração mais marcante vem da Oração da Paz, do Cântico do Sol e da vida simples fran-

ciscana. O casamento com Jacir Ceccato despertou a artista para o trabalho com o barro, seguindo a atividade cerâmica da família.

Professora aposentada, Benedita dedica-se ao ateliê L'Arte Ceccato, na Linha Aimoré, interior de Vila Flores. Foi secretária de Turismo e fundadora do filó italiano de Vila Flores, que também integra.

Entre as peças que compõem a exposição, Il Poverello d'Assisi, O Peregrino, O Encanto da Palavra, Alma de Poeta, Serenidade, Homem do Século, O Visionário, As Virtudes, Meu Deus e Meu Tudo.

MEMÓRIA DA MEMÓRIA

A Igreja Católica teve sempre sua história atrelada a viagens de peregrinação e conhecimento do mundo. Na Ordem dos Freis Capuchinhos, isso se reforça, já que um dos votos realizados na iniciação prevê a condição de peregrinos e forasteiros.

Muitos freis acumularam memórias, não somente em sua forma imaterial, mas por meio de bens pessoais, suvenires. Em um contexto de desapego, esses suvenires se tornam a 'memória da memória' dessas viagens.

O pesquisador Felipe Zaltron de Sá será o curador da exposição 'Suvenires através das memórias dos freis capuchinhos no RS', reunindo suvenires acumulados, a princípio, por quatro freis. A ideia é coletar cerca de 15 objetos de cada um, a partir de sua concordância. O trabalho está em desenvolvimento, para ser exposto em 2017. A notícia da aceitação foi recebida com muita alegria por Felipe, acadêmico de Turismo da Universidade de Caxias do Sul.



MARCELO NEDEFF
ARQUITETOS

rua clemente tarasconi 185
sala 404 nova prata rs
54.3242.5160 54.9961.3714
marcelo@mnaquitetos.com.br
f Marcelo Nedeff Arquitetos



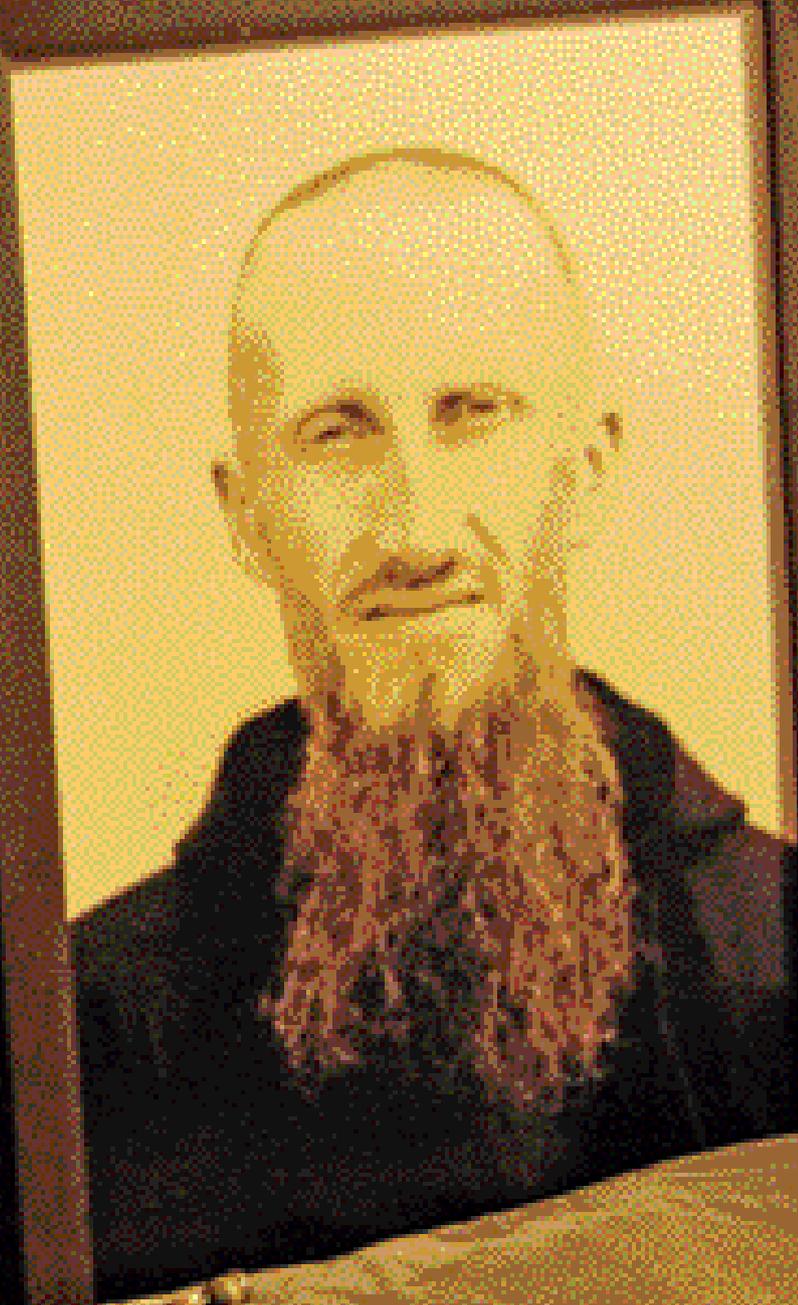
Artigos nacionais e importados para
arte, artesanato e arquitetura.

Mercado das Artes
produtos nacionais e importados

Rua Tronca, 2086 | Caxias do Sul | (54) 3025.4509

"O Brasil está conduzindo, hoje, a batalha da cultura. Nos próximos dez, talvez cinco anos, o país terá traçado os seus esquemas culturais, estará fixado numa linha definitiva: ser um país de cultura autônoma, construída sobre raízes próprias, ou ser um país inautêntico, com uma pseudocultura de esquemas importados e ineficientes. [...] O Brasil, hoje, está dividido em dois".

(Lina Bo Bardi, Bahia, 1961, três anos antes do Golpe Militar)



Nos 120 anos da presença capuchinha no Rio Grande do Sul, o Museu dos Capuchinhos realizou a exposição 'Peregrinos e Forasteiros'.